



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação



1290004759



FE

TCC/UNICAMP C65d

Marie Freire Reinh Coelho

**Os desafios de praticar uma educação
inovadora dentro de uma realidade
tradicional de ensino.**

Campinas 2009

1

UNICAMP - FE - RIEE TCC/UNICAMP

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	ICC
	C65d
V:	EX:
Tombo:	4759
PROC:	134160
C:	D: x
PREÇO:	11,00
DATA:	22/04/10
CÓD TÍTULO:	476202

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C65d Coelho, Marie Freire Reinh.
Os desafios de praticar uma educação inovadora dentre de uma realidade tradicional de ensino / Marie Freire Reinh Coelho. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Maria Teresa Eglér Mantoan.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação especial. I. Mantoan, Maria Teresa Eglér. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-028-BFE

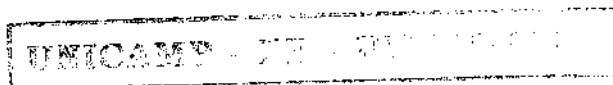
Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Marie Freire Reinh Coelho

Os desafios de praticar uma educação inovadora dentro de um a realidade tradicional de ensino.

**Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como
exigência parcial para a
graduação no curso de
Pedagogia da Faculdade de
Educação, UNICAMP, sob a
orientação da Profa. Dra.
Maria Teresa Eglér Mantoan.**

Campinas 2009



Dedicatória:

Este trabalho é dedicado ao meu marido Douglas Guedes Coelho, que me apoiou em todos os momentos de minha vida, principalmente na escrita desta monografia. Eu não conseguiria chegar à conclusão de mais esta etapa sem a sua ajuda.

O seu incentivo nos dias em que me encontrava desanimada e sem forças foi fundamental. Por muitas vezes ele me deu coragem para escrever e parou todas as suas atividades para ler o meu trabalho e ajudar no que fosse preciso. Procurou conhecer mais sobre o assunto e até me ajudou nas pesquisas. Não há prova de amor maior!

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente a Deus, o Senhor da minha vida, sem sua permissão não chegaria até aqui. Toda honra à Ele!

Agradeço também a minha mãe que sonhou com minha formação tanto quanto eu. Ela me acompanhou em tudo e mesmo de longe procurava saber e se disponibilizava em ajudar no que fosse preciso. A educação que ela me proporcionou foi fundamental para que eu adquirisse mais essa conquista.

Meus irmãos e meu pai, pessoas fundamentais na minha vida, agradeço por tudo, pelas orações constantes, pelas palavras de encorajamento e pelo amor incondicional.

Agradeço a toda minha família, meus primos, tios e tias e meu avô, que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos, são todos muito importantes para mim e torcem pela minha vitória.

Agradeço em especial a professora Maria Teresa Eglér Mantoan pela orientação neste trabalho e também pelos seus ensinamentos valiosos durante o curso de Pedagogia.

Resumo:

Este trabalho trata dos desafios de profissionais da rede pública da região metropolitana de Campinas que praticam a Pedagogia Freinet. Foram entrevistadas cinco professoras do ensino básico: educação infantil e ensino fundamental I. Estas educadoras revelaram a dificuldade de vencer barreiras que as escolas colocam no sentido de formar um aluno criativo e emancipado intelectualmente. As barreiras são inúmeras e são apresentadas no desenvolvimento da monografia. Entre elas pode-se citar: a gestão escolar, que não permite que os professores atue com autonomia para desenvolver uma prática de ensino freinetiana; os pais dos alunos, que resistem à idéia de seus filhos aprenderem a aprender, preocupados exclusivamente com a transmissão dos conhecimentos por apostilas e livros didáticos. Os professores se queixam da solidão em que vivem, ao adotarem em suas escolas uma pedagogia alternativa, que não massifica o ensino, mas que promove a autonomia do aluno.

Poucos são os professores que trabalham com a Pedagogia Freinet nas escolas públicas e alguns se retraem e mesmo conhecendo esta pedagogia e seus benefícios para os alunos não a praticam, quando dão aulas em escolas públicas tradicionais. Os professores precisam lutar e defender suas escolhas para ensinar vencendo as barreiras e se tornando tão emancipados quanto querem que seus alunos sejam.

Sumário:

Introdução.....	página 07
Desenvolvimento.....	página 10
Conclusão.....	página 40
Referências Bibliográficas.....	página 43

Introdução:

No decorrer do Curso de Pedagogia, algumas reflexões sobre a educação foram proporcionadas pelos professores e estudantes, ouvimos muitos discursos sobre mudanças nas práticas de sala de aula, realização de um ensino que faça sentido para o aluno, partindo do seu próprio interesse, exercício da autonomia e outros. Quando fiz meus estágios nas escolas, onde pude ter um contato com a realidade das salas de aulas, não tive acesso a exemplos desta educação que os professores da Faculdade de Educação nos apontaram como desejáveis.

Será que os seus discursos são utópicos? Foi o que me veio à mente no momento em que analisei esses estágios. Outra questão foi: será que vamos conseguir fazer diferente do tradicional quando estivermos lecionando? Todas as perguntas que formulei neste estudo buscaram subsídios que me auxiliassem na construção de uma metodologia de ensino diferenciada. Algo que fosse materializado na prática, ou seja, que proporcionasse uma direção para uma mudança na educação, que fosse diferente do que presenciei nas visitas às escolas.

Foi nesta busca por algo diferente na educação que conheci as idéias do educador francês Celestin Freinet, cujas concepções educacionais me envolveram de forma especial. Por meio de sua Pedagogia, pude descobrir uma revolução no pensamento educacional e entender que se tratava de uma nova possibilidade, o discurso pedagógico se tornaria uma realidade.

Ao conhecer a Pedagogia Freinet, tive a curiosidade de procurar profissionais que põessem em prática estas idéias. Encontrei alguns professores que trabalham desta forma dentro de escolas freinetianas, onde todo o ambiente coopera para a realização deste trabalho. Fiz algumas visitas à Escola Curumim de Campinas. Observei o procedimento dos professores e

alunos e entendi que realmente nesta pedagogia as crianças podem se expressar livremente, elas são mais criativas, autônomas e realizam suas tarefas com entusiasmo. Havia uma conexão entre a teoria e a prática.

E nas escolas públicas, encontraremos professores freinetianos?

Esta pergunta me motivou a escrever esta monografia. Procurei professores na escola pública que praticassem esta Pedagogia revolucionária. Não foi fácil encontrá-los, pois a maioria desconhecia ou sabia muito pouco sobre ela. Encontrei algumas professoras que já trabalharam na escola Curumim e agora estão na escola pública, atuando a partir da pedagogia Freinet, outras que participaram de cursos sobre esta Pedagogia e resolveram praticar outras maneiras de ensinar.

Constatei que embora sejam pouquíssimos professores que praticam a Pedagogia Freinet na escola pública, eles poderiam contribuir com suas experiências, relatando como é ser um educador com uma metodologia de ensino totalmente diferente da tradicional em um ambiente onde os colegas não comungam com suas idéias.

Todos os professores que se dispõem a melhorar suas práticas e buscam outras maneiras de ensinar, são confrontados com alguns obstáculos que os impedem de seguir esta linha inovadora de ensino. São esses obstáculos que precisam ser discutidos e estudados sistematicamente para que venhamos a refletir de maneira realista sobre nossa educação pública.

A importância de estudar a Pedagogia Freinet vai além da contribuição teórica, mas envolve, sobretudo, a mudança na prática. Esta monografia se destina a professores que desejam buscar outras formas de ensinar, também para aqueles que já se encontram num estágio de prática desta Pedagogia inovadora, porém não sabem como superar estes desafios que encontram pela frente. Os professores que

estão satisfeitos com a educação tradicional e não enxergam motivos para mudança, também estão convidados a ler e refletir sobre este processo educativo.

Os sujeitos entrevistados neste estudo são de predominância feminina, com a idade entre 23 a 35 anos, que trabalham na rede pública da região metropolitana de Campinas. São pedagogas, formadas pela Universidade Estadual de Campinas, concursadas na rede pública de ensino, que lecionam nas turmas de educação infantil e no ciclo I do ensino fundamental.

Algumas questões foram levantadas para nortear a entrevista: Quais os fatores que se opõem ou dificultam a prática da pedagogia Freinet na escola pública tradicional? Como os professores se portam diante desses problemas? Que meios concretos e claros utilizam para superar tais problemas?

Através dos relatos das professoras, investigamos a possibilidade de as idéias de Freinet serem praticadas em uma realidade de ensino tradicional. Algumas pesquisas já nos mostraram que esta Pedagogia está sendo adotada em algumas escolas e obtendo grande êxito em sua execução. Sendo assim, podemos partir do pressuposto que as práticas freinetianas já têm credibilidade em nosso meio educacional, apesar de muitos acreditarem que esta maneira diferenciada de fazer educação é uma grande utopia.

Com suas experiências as professoras deste estudo apresentarão os desafios encontrados na escola que dificultaram ou mesmo impediram seu trabalho com uma educação emancipatória.

As barreiras para praticar a Pedagogia Freinet são muitas. Portanto, este trabalho tem a finalidade de apontar (sinalizar), analisar cada uma delas e refletir as experiências colhidas das professoras.

Os desafios do professor freinetiano dentro da educação tradicional

No momento em que nos formamos professores, seja professor de educação infantil, ensino fundamental, médio ou universitário, saímos da faculdade com muitas reflexões e críticas sobre o processo educativo. Um profundo desejo de mudar a educação nos envolve. Sabendo que não poderemos transformar todo o processo já estabelecido em nossas escolas (mesmo que estes precisem com urgência de uma mudança), mas tentamos fazer com que a nossa prática seja diferente. Mudamos pelo menos nosso jeito de ministrar aulas e de modo geral o ambiente da sala de aula, tentando fazer o oposto do que criticamos na educação tradicional. Esta é a realidade da maioria dos educadores.

Mas como faremos tudo diferente se o que temos nas mãos como instrumento de trabalho são recursos e objetos limitados. Com um número grande de alunos por sala, lousa, giz, carteiras, e mesmo com muita imaginação e criatividade, não conseguimos chegar muito longe com a prática de uma Pedagogia mais inovadora. Acabamos voltando ao ponto inicial, chegamos até mesmo a regredir nas idéias e atitudes, com muitos educadores é assim que acontece. Então surge uma questão, será que não há outro caminho, será que todo esse discurso realmente é improvável e vazio?

Temos de prestar contas à direção da escola, avaliar os alunos dentro da perspectiva na qual estamos inseridos, enfim, com toda nossa boa vontade nos deparamos com alguns desafios que nos colocam em “corda bamba” e dificultam o

trabalho que desejaríamos fazer. O sistema tradicional de ensino apresenta conceitos tão enraizados nas escolas que acabam por influenciar todo um pensamento e perspectiva arduamente construídos por todo o período de estudos acadêmicos.

Primeiramente devemos nos questionar, para que estamos educando nossas crianças? Qual o objetivo da nossa Pedagogia? Muitos dirão que a proposta é criar seres mais éticos e críticos na sociedade, outros dirão que o objetivo é adestrar e corrigir as crianças, fazendo com que sejam mais obediente às ordens e disciplinas. Seja qual for a resposta à essas perguntas, precisamos saber qual é o nosso objetivo pessoal na educação e refletir sobre qual a melhor forma de praticá-la de fato.

É possível pensarmos em educação como desenvolvimento e descoberta, como uma forma de fazer com que o próprio educando seja crítico com o que vê, com o que escuta e com tudo que lhe é apresentado. Quem nos afirma isto é o educador Celestin Freinet, embora esta educação ainda esteja muito longe de ser praticada em sua maioria, pois o que presenciamos nas escolas é um conhecimento pronto, estruturado que deve ser transmitido pelo professor e absorvido pelos alunos.

Celestin Freinet foi um professor francês, nascido em 1896, que estudou na Escola Normal de Nice (sul da França) e foi convocado aos 18 anos para lutar na 1ª guerra mundial. Por um problema de pulmão largou o campo de batalha, foi

medicado por alguns anos e começou a lecionar como professor adjunto na escola nos Alpes Marítimos.

Sua experiência com a educação veio pela formação mais ampla em magistério, após a guerra e pela sua atuação como professor adjunto e em seguida como professor titular. Freinet conseguiu realizar projetos educativos nunca antes imaginados, ele colocou em prática uma Pedagogia emancipatória e criativa.

Tudo começou com sua reflexão sobre a prática tradicional que estava sendo realizada em suas aulas. Vendo que o que chamava atenção das crianças era exatamente o que estava fora da sala de aula, ou seja, a vida em geral, ele concluiu que algo precisava mudar. Foi assim que introduziu aulas- passeios com seus alunos para explorarem o que havia na natureza onde viviam, a arrumação das carteiras dentro da sala de aula não era mais feita de modo tradicional, ou seja, enfileiradas uma atrás da outra, mas de maneira que tivesse mais compartilhamento e interação entre os alunos. Os registros eram feitos espontaneamente pelos próprios alunos, o que permitiu a possibilidade de se expressarem, dando lugar posteriormente às rodas de conversa.

As produções discentes eram estimuladas todo o tempo, havia uma distribuição através do que ele chamou de imprensa, dos textos criados pelos alunos, do texto livre, do livro da vida onde os educandos têm a liberdade de se expressar e registrar o que de mais importante aconteceu na aula, entre tantos outros recursos usados por Freinet para criar uma nova e atraente educação.

Após ter atingido o objetivo de dar liberdade aos alunos e ver que eles se motivavam pelo trabalho e por uma organização destas atividades diárias, Freinet estabeleceu um plano de trabalho dentro de uma cooperativa de alunos. Isso fez com que a participação dos alunos na organização do que seria realizado na aula viesse a valorizar a opinião de todos, assim, eles eram estimulados a se organizarem em grupo aprendendo a convivência respeitosa e igualitária.

O que era defendido por Freinet e coerente em suas práticas é que o ensino fizesse sentido para as crianças e assim gerava um envolvimento de todos no processo educativo. O trabalho era proposto de forma democrática e comunitária, no sentido mais amplo de coletividade. Freinet denominava de tateamento experimental a construção do conhecimento da criança através de pesquisas e experiências por ela vivenciada, que contribui para a edificação de sua inteligência. É importante destacar a visão deste educador no que se refere ao trabalho, pois inspirado nas idéias de Karl Marx, considerava o trabalho como fim maior do homem, responsável por identificação e realização do indivíduo, e por isso pensava no trabalho como centro da atividade escolar.

Podemos identificar nesta Pedagogia a contribuição para uma mudança no comportamento das crianças, pois todas as técnicas de ensino levam a educação mais humana e respeitosa. Conseguimos notar a facilidade de a criança compreender o sentido da responsabilidade, pois a ela foi dedicada uma função no grupo de alunos. A noção de coletividade e o entendimento através da expressão e do diálogo são decorrentes da atividade cooperativa apresentada pela

Pedagogia Freinet, além do sentimento de solidariedade que é uma virtude importante para o desenvolvimento de um trabalho em grupo.

O aluno apresenta sua capacidade crítica de problematização, que gera uma autonomia e uma disciplina adequada para o trabalho dentro da sala de aula. Não há necessidade de uma exaustiva imposição de disciplina e autoritarismo, os próprios alunos aprendem a conviver, eles mesmos cumprem com suas obrigações, pois elas fazem sentido para eles e representam uma conquista e um prazer em realizar.

Freinet nos propôs uma reflexão sobre toda esta forma de ensino que nos é imposta; para este educador devemos analisar mais nossa prática como professores, pois como ele mesmo nos alerta, a educação não é acúmulo de conhecimento, adestramento ou simples treinamento. Ele incentivou uma revolução dentro da educação. Desconstruir o que foi passado como conceito de educação e, sobretudo estabelecer relações com a vida e a cidadania era fundamental.

A influência de Freinet foi grande entre os profissionais ligados a educação. Até hoje podemos encontrar professores que acreditam em sua proposta e tem suas práticas embasadas nela. Nas mais diversas instituições educacionais de todo o mundo há professores freinetianos que lutam a cada dia por um ideal de educação diferente do comum. Na região de Campinas há alguns destes educadores que se encontram sozinhos neste ideal dentro de escolas públicas

tradicionais. Alguns deles nos concederam entrevistas que nos renderam grande fonte de reflexão.

O roteiro da entrevista foi baseado nas principais dúvidas dos educadores que se encontram, em determinado momento de suas vidas, com anseio por melhorias no processo de ensino e aprendizagem. Quando Freinet nos é apresentado sofremos mudanças de pensamento e na maneira de olhar a educação. Porém muitas dúvidas são freqüentes, a principal delas é como faremos para aplicar esta Pedagogia dentro de nossa realidade escolar? Como superar os fatores que se opõem ou dificultam a prática da Pedagogia Freinet dentro da escola pública tradicional?

Para que possamos construir uma educação de qualidade como foi proposto por Freinet, precisamos estar preparados para os desafios que encontraremos ao longo da prática profissional. Pelas experiências de colegas que conseguiram superar estes “gigantes” opositores, pretendemos desconstruir o que nos é habitual e refletir com olhos críticos para a educação tradicional.

Os exemplos que mostrarei a seguir são demonstrações de que a Pedagogia Freinet pode ser aplicada nas escolas públicas tradicionais, formando crianças mais responsáveis, questionadoras e autônomas. Primeiramente, é preciso esclarecer que Freinet propunha muito mais que uma simples aplicação de técnicas, ele esperava que suas idéias fossem de alguma maneira refletidas, mas não tinha como objetivo que os educadores praticassem como se fosse uma “receita” para a educação ideal. A Pedagogia Freinet propõe uma mudança no

pensamento, na maneira como enxergamos o mundo e a relação com as pessoas, que vai além de métodos e aplicações.

Cada aluno e cada escola têm suas demandas, precisamos estar alertas para estas expectativas e resultados. De nada vale a utilização de todas as técnicas Freinet se não houver um objetivo como foco para a educação das nossas crianças. Educar para que? Esta é a pergunta que devemos nos fazer para que a visão não se perca.

Um professor freinetiano estabelece em sua conduta educacional o objetivo de educar uma criança cidadã, ou seja, preparada para refletir, compreender e interpretar as regras estabelecidas na sociedade. Dentro deste processo educativo a criança conhece então a importância do diálogo e da comunicação, tendo a possibilidade de se expressar, resolver seus próprios conflitos, entender a importância de se organizar, ser responsável e atenta. Os depoimentos e vivências que serão apresentados a seguir nos convidam a refletir, desconstruindo o que para nós era o habitual e natural para que possamos dar lugar ao novo.

A educadora Luana Almeida, 29 anos, pedagoga formada pela Unicamp, nos relata um pouco de sua história como professora e nos conta como é praticar uma Pedagogia diferente da habitual.

Sua prática tem subsídios de Freinet, Pistrack, entre outros autores, que estabelecem como objetivo da educação promover a autonomia do aluno. Trabalhou como professora na Escola Curumim durante quatro anos, e no ano de 2007 ingressou na Rede Estadual da cidade de Campinas ministrando aulas para 2ª série do ensino fundamental e posteriormente para a 4ª série.

Em seu cotidiano profissional ela parte do princípio denominado por Freinet de “complexo de interesse”, ou seja, trabalha todo o conteúdo através dos interesses dos alunos. Isto faz com que as crianças tenham voz no momento das aulas. A participação dos alunos é muito importante e o papel do professor é mediar a construção do conhecimento e não apenas disponibilizar conteúdos e informações prontas.

Um aluno entra na escola com “sede” para aprender, conhecer e criar. Quando entramos em contato com crianças em idade escolar percebemos nitidamente seu desejo por descobrir coisas novas, suas perguntas demonstram curiosidades pelo novo, os “porquês” são freqüentes e espontâneos. O modo como Luana trabalha faz despertar cada vez mais o interesse de seus alunos e a motivação pode ser notada durante suas aulas.

É certo que há uma desmotivação e dificuldade de alguns alunos em determinados momentos, isso faz com que Luana se pergunte se está indo pelo caminho certo. Para isso a importância da reflexão sobre seu trabalho se faz presente. Registros, estudos e busca de conhecimentos dão suporte para sua prática inovadora. Não há como agradar sempre a todos, mas há sempre como melhorar e fazer mudanças positivas ao longo da trajetória profissional.

A partir do momento em que vivenciamos a prática educacional numa sala de aula tradicional, chegamos à conclusão de que o modo que está sendo desenvolvido o processo de ensino nas escolas públicas é bastante questionável. De modo geral, nos deparamos com ambientes estressantes, crianças querendo

estar fora da sala de aula e professores esgotados, usando suas armas de defesa contra a indisciplina dos alunos: gritos, ameaças e autoritarismo para conseguirem levar a aula adiante. Com tanta falta de motivação das crianças elas mesmas não encontram outra solução se não a de deturparem o padrão imposto ou se calarem e permanecerem sem opinião quanto os feitos da turma. Luana afirma que “é condição deplorável de trabalho do professor nesta situação. É não reconhecimento da escola como importante na vida de muitas crianças.”

Quando nos propomos a analisar a prática educativa ao nosso redor, ficamos receosos por descobrir que o ensino não tem significado para nossos alunos. De que forma o aluno assimila determinado conhecimento se este não tem a oportunidade de experimentar, ou melhor, de descobrir e se aventurar em pesquisar o que lhe é de interesse.

Nós como professores tendemos a pensar que nossas crianças não têm responsabilidade e maturidade suficiente para decidirem o que querem “descobrir”, mas quando nos deparamos com a responsabilidade que os alunos têm com os trabalhos que são atrativos para eles e que os próprios têm prazer em realizar, percebemos que há um anseio em melhorar, em se desenvolver nas mais diversas áreas do conhecimento.

Foi percebendo estes pontos e refletindo sobre o interesse com que Luana confirma seu posicionamento e sua maneira de ministrar suas aulas. Em vários momentos de sua rotina na escola pública, ela utiliza de “ferramentas” propostas por Celestin Freinet, como também já estava habituada a fazer na escola Curumim.

Ela nos conta que há uma série de dificuldade que a impede de fazer um trabalho contínuo baseado nas propostas de Freinet devido à infraestrutura da escola, a falta de parceria com o corpo docente, e também os alunos que não estão acostumados a ter tanta liberdade e autonomia. Segundo a educadora, isso é coisa que se constrói ao longo do tempo. Seu objetivo maior é fazer com que as crianças se tornem mais críticas e para isso ela dá maior atenção ao que eles têm para dizer e faz com que sejam valorizados, construindo um diálogo, embasado na verdade e refletindo sobre ela, não só ouvindo, como também falando e orientando seus alunos.

A educadora diz que se preocupa com o fato de não ter o apoio dos pais quanto à promoção da autonomia de seus filhos: “os pais querem saber se seus filhos vão passar nos exames, nos vestibulares, ou se vão conseguir lugar no mercado de trabalho; nós como educadores estamos sozinhos nesta briga, pois não acreditamos em somente transmitir o conteúdo, através da nossa prática queremos promover a criticidade das crianças.” diz a educadora. Luana tem a concepção de que o conhecimento não pode ser transmitido, mas construído.

Podemos destacar esta idéia quando Freinet diz:

“Para a maioria dos pais, o que conta, de fato, não é a formação, o enriquecimento profundo da personalidade de seus filhos, mas a instrução suficiente para enfrentar os exames, ocupar cargos cobiçados. (...) Mais uma razão para que os educadores sejam sempre iluminados por uma clara visão do ideal ao qual serão, muitas vezes, os únicos a se dedicar” (Freinet, 2001, página 8-9).

O papel do professor dentro de uma classe que reproduz os conceitos tradicionais de ensino nos remete a hierarquia e a posição superior dentro da sala

de aula. De fato o professor pensa que se não usar de sua autoridade o aluno pode não cumprir as tarefas, não obedece às ordens estabelecidas e assim eles perderão a sua credibilidade. Mas como queremos formar cidadãos para a democracia se o que utilizamos como recurso pedagógico faz parte de um regime autoritário dentro da sala de aula?

Se pensarmos nos professores como parte integrante do grupo, sem o autoritarismo como “muleta” para se apoiarem, entendemos que os alunos estarão bem mais a vontade e livres para se expressarem.

Quando os alunos exercitam o sentimento de respeito pelas pessoas, colegas, professores e diretores, não precisamos usar estratégias que facilitam o convívio social. Quando a criança conhece o significado de grupo, ela estabelece relacionamentos em que o respeito é fundamental. O professor então se torna parte do grupo e instrumento importante, os alunos recorrem a ele como um orientador, que coopera nas atividades escolares.

Porém, isso não é tão simples assim, o aluno entra na escola com uma bagagem de vida e experiência na sociedade que deve ser levada em conta quanto às questões de conflito e resolução de problemas, pois a escola não é uma ilha, ela não estabelece e constrói relações em cima de uma tabula rasa, isso é o que nos destaca a professora Luana. Portanto precisamos entender que não é um processo fácil, é uma longa caminhada em direção a cidadania.

Antes de tudo precisa haver confiança entre as partes envolvidas no processo educativo, não há como estabelecer confiança quando por uma das

partes há uma obediência passiva e uma instrução dogmática que só gera medo e insegurança.

Vivemos em nossas escolas esta visão de ensino, salas de aula que enfatizam o individualismo, a competitividade, a padronização, a reprodução e transmissão. Sem favorecer a criatividade, sem dar voz ao aluno e principalmente sem a liberdade que ele precisa para se expressar.

Em meio a este ritmo de ensino, Luana se propôs a ser uma profissional diferente, mesmo que não consiga utilizar sempre os instrumentos de Freinet, como ela diz: “mas as concepções basilares de Freinet são meu rumo de trabalho”. Ela enfatiza que não consegue “remar contra a maré”, mas tenta descaracterizar todos estes conceitos da escola tradicional para dar lugar a livre-expressão, cooperação, trabalho e autonomia.

Várias são as resistências à esta Pedagogia dentro da escola pública, alguma delas são citadas pela professora Luana com muito pesar. Ela desabafa: “O que mais me dói na rede pública estadual é a solidão. Os professores não querem fazer e também acham ruim com quem faz”.

Na realidade praticar a Pedagogia Freinet é muito mais difícil, enquanto todos estão preocupados em passar o maior número de conhecimentos em menor tempo e fazer com que os alunos absorvam o máximo possível de informações, os educadores freinetianos se interessam pela formação em todos os sentidos dessas crianças. Como elas estão em desenvolvimento, elas precisam desenvolver valores éticos para que futuramente possam ser pessoas justas e que não somente

apresentam inúmeras informações ou competências para muitas coisas, mas que sabem agir com honestidade. A escola é sim responsável por esta formação, principalmente a escola pública, onde apresenta um público com poucas oportunidades e destituídos de atenção dentro da sociedade.”

A professora Luana “rema” a favor de uma autonomia em que os alunos construam e saibam quando deve agir, isso se torna um exercício mais trabalhoso e complicado. Segundo a educadora, demanda muito tempo do professor construindo, ou melhor, desconstruindo o que todo o processo apresenta.

Os alunos passam uma parte do tempo com os outros professores e no período da manhã com a professora Luana, por isso alguns valores por ela construídos, são desvalorizado pelos outros profissionais com concepções diferentes, acarretando até uma confusão no pensamento das crianças. Entretanto, muitos professores percebem a diferença de postura dos alunos de Luana, a maioria não concorda com a visão deles, mas sabem que são alunos que expõem sua opinião e tem autonomia no trabalho em classe. No relato da professora Luana ela diz que a professora que ministra uma das oficinas no período da tarde disse: “Luana, seus alunos são insuportáveis, eles acham que podem falar, dizer o que pensam!”

Demanda muita força de vontade, segundo a educadora, o que mais prejudica é o tempo que leva para que eles construam sua própria autonomia. Pelo fato de todos terem vindo de uma realidade extremamente dependente do professor, onde o exterior rege a disciplina, quando eles se deparam com a oportunidade de fazer escolhas e interiormente serem confrontados com o que

devem fazer, os alunos ficam um pouco perdidos, mas acabam por estabelecerem em suas atitudes uma responsabilidade nas suas escolhas. Luana reforça que não são todos os alunos, e também não completamente, cada um se desenvolve na medida em que consegue.

Neste ano de 2009, como a sala tem grande quantidade de alunos, há falta de espaço e falta de material suficiente para trabalhar com os alunos na proposta Freinet, alguns métodos ficaram prejudicados, como o livro da vida, por exemplo. O registro das rodas de conversa e das atividades nos ateliês era feito apenas pela professora Luana, com relatos rápidos, escritos após as aulas, o que acabou não tendo muito sentido para a turma.

No começo do ano letivo os alunos dependiam muito da ajuda da professora, até mesmo para tomar suas decisões, com coisas simples e conflitos entre eles, isto porque não estavam familiarizados com o conceito de autonomia, precisavam da interferência da professora o tempo todo, ela nos conta “ainda tenho problemas com isso, claro que eles cresceram e melhoraram... mas ainda tenho”. Então um fator que muito dificultou seu trabalho foi a falta de tempo para organizar o livro da vida da turma. Na turma de terceiro ano da professora Luana, em 2008, os alunos também não eram alfabetizados, por isso não tinham habilidades para o registro no livro, foi então que Luana preferiu abolir este instrumento da pedagogia Freinet nesta turma.

Na escola Curumim todos os alunos desde o momento que entravam na escola eram desafiados a serem autônomos e responsáveis por seu aprendizado,

já na escola tradicional isto não acontece, o que acaba sendo uma grande dificuldade na maneira de trabalhar com as crianças.

Luana ressalta seu trabalho para o desenvolvimento autônomo de seus alunos: “tive que ajudá-los a desenvolver e isso leva tempo e normalmente não se constrói em um ano letivo, devemos considerar a adaptação, resistência, etc”. Este é um ponto que ela considera seu maior desafio, porém com o tempo teve grandes “frutos”.

Uma história de vida profissional que também tem como “norte” a ideia de Freinet é da professora Raquel Baptista, de 30 anos, formada em Pedagogia pela Unicamp, com experiências de 12 anos no magistério. Raquel teve um contato mais abrangente com a Pedagogia Freinet durante um curso denominado “Ideias e Movimentos”, ministrado no ano de 2006 na Unicamp, cujo objetivo era refletir sobre a educação brasileira.

Foi durante o curso e nos estágios obrigatórios na escola Curumim que Raquel se apaixonou por esta ideia. Depois de algumas leituras e um interesse por conhecer mais da Pedagogia Freinet, ela começou a colocar em prática a Pedagogia Freinet dentro de sua sala de aula onde ministrava para alunos de 4 e 5 anos na Rede Municipal da cidade de Campinas.

Começou então seu tateio pela prática freinetiana com passeios pela escola, dando ênfase para a exploração do ambiente escolar e da área verde no interior da escola. Foi uma experiência nova, porém muito gratificante, resultando um

profundo desejo por conhecer mais e praticar o que era proposto pelo educador Freinet.

Durantes suas aulas Raquel também inseriu o método de correspondência, trabalhando com o envio e recebimento de cartas para outra sala de dentro da escola, cuja professora também havia conhecido a Pedagogia Freinet e se identificado com o que lhe foi sugerido. Apenas as duas professoras da escola se propuseram a mudar suas práticas tradicionais e repensar uma educação inovadora.

Raquel presenciava dentro da sala de aula uma mudança de postura em seus alunos, havia mais ânimo para o aprendizado da escrita, pois eles gostavam de se corresponder com a outra turma. Já não se encontrava na sala uma rígida formulação das carteiras no padrão tradicional, os alunos não tinham como dever permanecer sentados e quietos, mas sim em interação uns com os outros e livre expressão para que conseguissem realizar seus trabalhos.

O objetivo desta professora era romper com os recursos pedagógicos que só contribuem para a transmissão de informações em maior número e em menos tempo, sem atentar para individualidade de cada criança. O estímulo á competitividade exercido pelos professores tradicionais, foi uma das principais críticas da educadora. Através dos “famosos” prêmios para quem acabar primeiro ou para aqueles que se comportarem melhor, os educadores se fundamentam numa proposta de estímulo-resposta que acaba por condicionar o aluno a fazer somente quando estimulado. A passividade e o trefismo fazem com que o ritmo

da turma siga a linha da exclusão, determinando que alguns alunos fossem discriminados por não serem os primeiros e os melhores.

Primeiramente devemos impedir que nosso objetivo seja uma turma homogênea, precisamos entender que cada um de nós somos pessoas diferentes, todos nós temos limitações, temos preferências diferentes e talentos diversos. O desenvolvimento do aluno deve ser observado não mais comparado com outro aluno. Devemos sim criar subsídios para que as crianças se comuniquem, se integrem dentro da proposta de trabalho e não que uma ou outra seja colocada de lado seja qual for o motivo.

Foi nesta proposta que Raquel encaminhou sua prática pedagógica durante o ano de 2006, ajustando e moldando as idéias de Freinet para sua realidade educacional.

Em 2007 a professora Raquel munida de mais conhecimento sobre esta Pedagogia e mais incentivada com sua experiência na escola em que trabalhou em Campinas, ela coloca em prática no primeiro ano do ensino fundamental na rede municipal de Hortolândia.

Nas reuniões de planejamento, foi proposta toda uma reformulação dentro da sala de aula, a organização do espaço foi feita com a intenção de promover os ateliês de diversos temas, e também uma disponibilidade para a roda da conversa inicial e final. Muitos materiais foram pedidos para a diretoria providenciar e foram atendidos, contribuindo com as expectativas que a professora tinha.

Quando as aulas começaram houve uma grande aceitação dos alunos para a nova proposta de ensino, havia mais interação com toda a turma, coletividade e cooperação. Muitos trabalhos com artes, culinárias, participação dos pais em diversas atividades e até mesmo voluntariamente, doando materiais que a turma estivesse precisando.

Juntamente com seus alunos a professora Raquel cria uma identidade própria da turma, usa assembléias para o incentivo á expressão e argumentação das crianças e também a roda da conversa. Sem uso de cadernos e cópias automáticas estabelecidas pelo ensino tradicional, ela programa em suas aulas o cartaz coletivo e o livro da vida onde as crianças se alfabetizavam gradativamente.

Havia uma mudança no comportamento das crianças, elas eram mais autônomas, dizia Raquel, sempre que ela precisava sair da sala encontrava-os fazendo a mesma atividade. Sem a presença do professor elas sabiam o que deveriam fazer e se organizavam com facilidade.

Com o passar dos meses, alguns desafios foram aparecendo. A “turma do golfinho” como era chamada, sempre no começo de suas atividades, assim que entravam na sala, deparavam com o ambiente “desarrumado”. Isto era muito ruim porque eles deixavam a sala com os ateliês organizados em seus espaços específicos e os materiais que precisavam próximos, porém, como eles permaneciam na sala apenas no período da tarde, outra turma usava a mesma sala do período da manhã e não tinham o mesmo zelo pelos objetos que lá permaneciam, até mesmo as mesas mudavam de lugar. Para a realização dos

ateliês era preciso perder cerca de 40 minutos de aula para organizar um espaço favorável, o que dificultava muito a prática da Pedagogia Freinet.

As reuniões quinzenais com os representantes da Secretaria de Educação foi um dos fatores mais prejudiciais durante a experiência da professora Raquel. A cobrança com o avanço do nível de escrita era constante. Eles não estavam interessados no desenvolvimento individual dos alunos como pessoas e cidadãos mais responsáveis, o interesse deles era apenas com a estimativa de alunos alfabetizados. Através de gráficos do nível de escrita dos alunos a supervisora media o suposto aprendizado da turma.

Refletindo sobre este fato, podemos perceber que nossas crianças estão sendo educadas como uma “linha de montagem”, em “série”, onde o objetivo é que todos sejam homogêneos, desfrutando de um ensino simultâneo e frontalizado. O que importa para os educadores tradicionais é o resultado final, nenhum desenvolvimento da parte das crianças que acontece no decorrer do processo educativo é válido para eles. Onde estaria, portanto a educação que tem por objetivo criar seres pensadores, capazes de serem cidadãos honestos e democráticos?

Num determinado momento a coordenadora do ensino fundamental da escola cobrou o uso de cadernos dos alunos para a professora Raquel. Através de uma conversa e tentativa de explicar o novo método utilizado para ministrar suas aulas, a professora Raquel escutou de sua coordenadora que não queria saber de ateliês, tudo isso era visto como brincadeira, sem muito sentido pedagógico. Suas

aulas eram vistas como recreação e não como aprendizado de um conteúdo, segundo a coordenadora era muita conversa e muita saída de sala, brincadeira demais.

A professora mesmo apresentando resultados de alunos mais responsáveis, cooperativos, justos e que sabiam se expressar, não foi compreendida pela coordenadora. A maioria de seus alunos apresentava muito desenvolvimento na escrita de leitura, mas ainda assim foi exigido o uso do caderno individual para os alunos durante as aulas.

O processo de cópias e repetições pelos alunos, ainda está muito arraigado na nossa educação. O que os educadores não percebem é que os aprendizes quando são submetidos a copiar tarefas da lousa ou fazer provas, testes e avaliações começam a perder aquela vontade inicial que tinham de aprender. Este método só contribui para classificar e rotular os alunos. Este tipo de avaliação acaba por nos informar alguns dados, mas esconde outros dados importantes do desenvolvimento da criança, representando um olhar equivocado por parte do professor.

A motivação acaba, surge a indisciplina e o fracasso escolar, nasce a rejeição e exclusão do aluno e muitas vezes a evasão escolar. Não há prazer em frequentar as aulas, esta atividade é vista pelos alunos como uma obrigação destituída de satisfação e para os professores é frustrante e estressante. Raquel já havia entendido isto e tentava explicar para a coordenadora que lhe cobrava resultados.

A briga com o sistema foi grande, muitas reuniões pedagógicas eram feitas com o intuito de estabelecer alguns parâmetros para a ministração de aulas no ensino fundamental. Em uma das reuniões foi escolhida como exemplo uma professora que apresentava uma conduta punitiva e disciplinadora com seus alunos, transmitindo o conhecimento de forma impositiva, transformando-os em copiadores e tarefeiros. Ela conseguia o controle de toda a turma através do método autoritário e isso fez com que toda a escola reconhecesse nela uma estratégia que a maioria dos professores gostariam de ter, o controle das crianças. Esta profissional se tornou um modelo a ser seguido dentro da escola e a metodologia usada pela professora Raquel mais uma vez foi marginalizada.

As crianças da escola eram constantemente pressionadas de todos os lados para que de alguma forma este ensino fosse absorvido. A obrigatoriedade do aprender era de fora para dentro, ou seja, os alunos eram condicionados a agirem quando os professores mandavam. Poderia ser uma responsabilidade construída pela própria criança, entendendo que o aprender é importante para sua vida e antes de tudo um prazer.

Toda esta metodologia do ensino tradicional faz com que estes pequeninos sejam pressionados a serem sempre os melhores, são submetidos em todo tempo a classificação do professor e também da sociedade. Não foram estimulados a falar o que pensam, não tiveram nenhuma possibilidade de se expressarem dentro da escola e, portanto não tem outra saída a não ser se enquadrarem no perfil

imposto pela sociedade capitalista ou serem discriminados e excluídos. Constantemente são confrontados com a ameaça do fracasso.

Por que não ouvir mais nossos alunos e interpretar o que eles nos querem dizer? Eles têm muito a nos dizer sobre a nossa prática educativa.

Foi neste compasso de oposições e obstáculos a enfrentar que a professora Raquel continuava a acreditar nos seus sonhos de uma educação mais humanizadora. Em meados do segundo semestre, o município de Hortolândia, onde ela trabalhava, passou a estabelecer em sua Rede Municipal de Ensino, a metodologia de projetos. Mas eram projetos escolhidos pela própria secretaria de educação e que deveriam ser realizados em todas as salas de aula, o que comprometia o trabalho já realizado na turma do golfinho.

Todas essas dificuldades atrapalharam muito o trabalho da professora Raquel, até que houve um declínio nas atividades freinetianas propostas por ela com tanto entusiasmo. Com tanta cobrança, o ensino começou a se adequar ao conceito tradicional. Gradativamente houve uma queda nas rodas da conversa, o registro no livro da vida era feito apenas pelo ajudante do dia, num curto espaço de tempo e os ateliês já não eram tão freqüentes.

O que a professora Raquel viu como saída era se conservar no ensino tradicional como era feito nas demais salas. Mas com profunda certeza de que realizou um bom trabalho no ano em que praticou a Pedagogia Freinet e viu grandes resultados nos seus alunos. Segundo ela foi a melhor experiência vivida na sua vida profissional. Não teve problemas com a disciplina, não era necessário

nenhum tipo de punição, pois tudo era resolvido através de combinados com toda a turma.

No ano seguinte Raquel mudou de escola e foi convocada para trabalhar em Sumaré, onde reside, com o cargo de coordenadora pedagógica, assim foi concretizando suas idéias educacionais á luz de Freinet.

Outra educadora que também nos conta um pouco de sua experiência na escola pública com a pedagogia Freinet, é Ana Luisa Zancheta, de 32 anos, pedagoga especializada em educação infantil. Ela nos relata parte de sua vivência e faz um desabafo que muito nos instiga a refletir sobre a educação infantil.

“A minha realidade dentro de uma escola pública de educação infantil, acredito que não seja diferente das de fundamental. As escolas estão super lotadas, onde a qualidade não é importante para os governantes e sim a quantidade, colocando dentro das salas de aulas 35 crianças, ou mais.

O trabalho é bem cansativo, fica difícil estabelecer a rotina, visto que são crianças na maioria sem limites, com problemas familiares graves, algumas crianças que ainda usam fraldas e o professor não contam com a ajuda de um profissional para essas horas, outras que vão para a escola sacias a fome.

Mesmo com essas dificuldades, em estabelecer a rotina dos cantinhos, construir regras e tudo mais, o espaço físico das salas também não é apropriado para o desenvolvimento do trabalho baseado na teoria Freinet, esbarrando novamente no número de alunos, que torna desumano a sala de aula. Desumano para as crianças e para o professor, que muitas vezes perde a referência do seu verdadeiro papel na educação.

Mas, como todo professor que acredita na educação, ama o que faz, cada dia é um novo desafio!

Vejo a prática da teoria nas escolas públicas como um desafio, um desafio que dá certo hoje, amanhã te frustra, no outro dia dá certo, no outro te desanima. Mas, através dos registros dos dias felizes e tristes também, é possível avaliar os resultados, pequenos, mas que vão aparecendo e mostrando que aos poucos a prática se modifica e a aprendizagem se instala.

Atividades como hora da roda, registro da caixa surpresa, mascote da turma, hora da novidade, onde as crianças trazem novidades para a classe, releitura de obras de arte pelo olhar infantil e outros, também vão fazendo parte da vida da criança, como o momento de avaliar o dia e as atividades realizadas nos cantinhos. Vejo crianças críticas e observadoras, capazes de mudar toda uma sociedade.

Hoje, acredito que seja impossível um trabalho puramente tradicional, principalmente nas escolas de educação infantil, as crianças estão mais críticas, buscam desafios, buscam o conhecimento concreto e a maioria dos profissionais busca formas de melhorar a prática, É VERDADE → QUEM QUER!

A teoria de Freinet tem seus adeptos, assim como os que não acreditam!

Acho que faltam mais leituras, conhecimentos, a prática e a vivência da teoria para a maioria dos profissionais, porque eu mesma algumas vezes, me pego pensando, será que o que estou propondo, observando ou a forma de motivação e instigação, registro é Freinetiana? Alguns cursos são fora da cidade, outros são caros e fica difícil para quem tem família!

Como ferramenta eficaz para superar ou talvez melhorar as formas de trabalho, possibilitando algum trabalho mais voltado à teoria. Seria a redução do número de alunos, pois como já disse é desumano o barulho, o stress, a falta de um acompanhamento individualizado de um determinado aluno, a falta de ajuda, nas horas de necessidade e outros, a modificação do ambiente seria impossível para nossa realidade, mas o professor pode criar em cima do que tem que é a forma como já fazemos. Improvisa os cantinhos em tapetes de borracha, em mesinhas, em cantinhos de faz de conta, cantinho da leitura e outros.”

A professora Ana Luisa nos mostra que a prática Freinet na educação infantil dentro da escola pública é viável, porém com algumas barreiras a enfrentar, é preciso ter força de vontade e uma boa base teórica de estudos que subsidiam a prática.

Como um exemplo semelhante de educadora freinetiana para o público infantil, apresento a história de vida Nádia Vazquez, 23 anos, formada em pedagogia pela Unicamp em 2007. Começou a trabalhar na CEMEI Maria Amélia Ramos Massucci, da rede pública de Campinas e neste mesmo ano de 2009 iniciou seu tateio pela pedagogia Freinet com seus alunos de 2 e 3 anos. Ela procura se aprimorar nas técnicas freinetianas e busca mais conhecimento nesta área, através de cursos de extensão e leituras que possibilitem maior conhecimento sobre esta forma de educação inovadora.

Segundo Nádia, ela enfrenta vários obstáculos por praticar uma metodologia diferente da tradicional, e eles aparecem das diversas formas, nas diferentes

escolas. No caso específico de Nádia, sua escola até apresenta certa simpatia pelos pensamentos freinetianos, a orientadora pedagógica foi quem lhe apresentou os instrumentos da Pedagogia Freinet e incentiva constantemente os professores a utilizá-los. Porém, eles não encontram os subsídios adequados para suas práticas.

O número de crianças é alto, são 35 alunos matriculados, mesmo com dois educadores auxiliando nas aulas, este fato torna-se determinante para uma oposição às práticas Freinet. A sala também não tem acomodações adequadas, é muito pequena e pouco acolhedora. Os horários são restritos muitas vezes para acompanhar os pequeninos em seus momentos de cuidado (higiêne e refeição)

Nádia diz: “nenhum educador conseguiria fazer um bom trabalho com esse número de alunos nessa faixa etária. As turmas precisavam ser menores, os professores devem acompanhá-la em todos os momentos do dia e necessitamos de um tempo maior e condições melhores para determinadas ações. Esforço-me para dar meu melhor e busco saídas adaptadas à realidade. Pergunto, questiono e troco diariamente. Tento uma vez, tento outra, tento diferente e assim vou indo até encontrar alguma prática que dê mais “resultado”. E não perco um foco: a criança. Dentro das possibilidades, busco oferecer um ambiente agradável, em que elas possam se expressar, experimentar e viver. Acho que esse “não estacionar” é muito importante. Precisamos sempre procurar coisas novas. Ainda estou no início da minha carreira como educadora e já me arrisco em cursos, palestras, discussões com professores, orientadores, diretores e todos profissionais envolvidos na área. Por falar em área, também busco envolver todas as áreas encontradas em uma

escola (cozinha, limpeza, secretaria) na vida da nossa turma, afinal, elas também são responsáveis pelo caminhar da instituição e das crianças.

Para trabalhar com as crianças menores a educadora Nádia encontrou como recursos para superar os problemas que enfrenta a priori modificar o ambiente. Separar fisicamente os ateliês através de uma porta, dentro da sala de aula, por causa do barulho que as crianças faziam em suas atividades, foi uma solução para a bagunça, mas não impede a circulação livremente das mesmas.

Além do trabalho com o livro da vida, ela optou pelo livro da vida virtual. Uma estratégia de registro do dia-a-dia das crianças com fotos e vídeos e que no fim de cada projeto e de cada trimestre o vídeo é apresentado para os pais. Através de uma reunião com café da manhã comunitário, a professora juntamente com os pais conversa sobre a educação de seus filhos e eles ainda tem a possibilidade de comprar o DVD e levar para casa. Fica um registro realmente significativo para as crianças, cria-se um coletivo e eles podem ter acesso à produção inclusive no meio familiar.

Os momentos de roda de conversa na turma começaram bem conturbados, conta Nadia, pois a tentativa foi com a socialização de objetos (caixa surpresa) passando de um em um. Agora, quase no fim do ano, é possível notar que muitos respeitam mais esse instante, sabem esperar, contribuem com idéias, falas, mas alguns ainda não se envolvem tanto.

A questão de trazer o interesse dos alunos para dentro da sala é um pouco complicada na educação infantil, porque segundo Nádia, ela tem impressão de estar impondo algumas atividades, já que por enquanto eles ainda não conseguem

escolher. “Mas tive o cuidado de procurar assuntos que realmente se destacassem no nosso dia-a-dia. Procuro propiciar novas experiências e abrir para que eles consigam solucionar alguns problemas.”

Nádia nos traz como contribuição o seu começo de trajetória na educação, como professora recém formada, mas que já vem buscando introduzir no seu cotidiano algo que condiz com a teoria descrita na Universidade. Ela optou pela pedagogia Freinet na sua maneira de ministrar aulas, certa de que apenas começou seu tateio e tem muito que aprender. Isso nos faz lembrar a questão inicial deste estudo: será que vamos conseguir fazer diferente do tradicional quando estivermos lecionando?

Há possibilidade de fazer diferente, é preciso acreditar na proposta e prosseguir em conhecer.

A educadora Nádia Massagardi do Rego, de 26 anos, formou-se em 2006 na Faculdade de Educação da Unicamp e conheceu a pedagogia Freinet quando trabalhou como auxiliar na Escola Curumim neste mesmo ano. Em 2007 ela assumiu uma turma de período integral como professora, substituindo uma licença maternidade e algumas ausências. Ela se apaixonou definitivamente pela pedagogia Freinet e em 2009 foi chamada para trabalhar na rede municipal de Campinas. Precisou abandonar suas atividades na escola Curumim, devido ao horário ser incompatível com suas atividades na prefeitura, desde então ela vem realizando seu trabalho na turma de agrupamento 3, com crianças de três a seis anos.

Nádia faz uma reflexão sobre o preconceito das pessoas em relação à Pedagogia Freinet, quando questionada sobre os principais desafios que enfrenta no cotidiano, de fato, os

professores em geral conhecem muito pouco desta pedagogia, não é uma metodologia de ensino muito discutida nas Universidades, e eles temem o que desconhecem. O que foge do tradicional é visto como incompatível com suas práticas convencionais. Segundo Nádia, a maioria dos professores ou pais de alunos entende a pedagogia Freinet como um método muito liberal de ensino. Os pais demonstram insegurança e medo que os filhos não aprendam se não for preservado o método tradicional.

A melhor maneira que a educadora Nádia encontrou para enfrentar essa situação foi informar todo o percurso do seu trabalho, seus objetivos de ensino, onde ela pretendia chegar com todas as técnicas que usava. Esses obstáculos são superados quando as pessoas vão conhecendo melhor o trabalho e intenções do professor.

Nádia afirma com segurança de suas escolhas pedagógicas e, na medida em que seu trabalho com as crianças vai se desenvolvendo, as pessoas vão deixando de lado alguns preconceitos. Ela se preocupa em manter um diálogo constante com os pais dos alunos, pelo qual eles podem se posicionar, perguntar, questionar o que acontece na escola e ela fica livre para explicar o que pretende ao usar a Pedagogia Freinet.

Todo seu trabalho é registrado e refletido. Ela deixa bem claro que realiza seu trabalho sem ficar “batendo de frente” com as outras professoras. Evita o isolamento dentro da escola e tem um contato fácil com os demais professores e gestores. Essas são as maneiras que Nádia considera importantes para enfrentar os desafios de praticar a Pedagogia Freinet na escola pública.

Nádia nos orienta por meio de sua experiência e relatos, que realiza um trabalho progressivo de implantação da Pedagogia Freinet, num ritmo compatível com as suas próprias

possibilidades e técnicas e também com o meio do tipo. *"Não solte as mãos antes de ter os pés firmes"*.

Conclusão:

Conhecer a Pedagogia Freinet nos faz refletir muito sobre o ensino brasileiro. Não há como não ser tocado pelas idéias desse educador. Somos estimulados a reviver nossa prática educacional e a olhar com outros olhos o que acontece nas escolas. Entender a finalidade da educação é essencial para nós professores, corrigirmos nossas falhas, desconstruirmos nossos hábitos de trabalho.

Ao realizar esta pesquisa, pude perceber claramente que poucos são os educadores que trabalham com a Pedagogia Freinet nas escolas públicas, a maioria dos profissionais de educação conhece muito pouco desta Pedagogia.

Em um determinado momento do estudo, quando procurava professores para entrevistá-los, uma das coordenadoras me disse que nas escolas públicas eu não encontraria professores que adotam a Pedagogia Freinet. Ela me orientou que procurasse escolas particulares para esse fim. Ela me desanimou e me assegurou que o que eu estava procurando eu não encontraria e que era melhor eu mudar o problema de pesquisa.

Não segui sua sugestão, porque embora sejam poucos e isolados, são professores que realmente lutam por um ensino diferente, que tem seus objetivos de educação bem focalizados e firmes. Estes professores, no meu entender teriam muito para acrescentar à nossa formação e suas vivências seriam valiosas e mereciam ser ouvidas e analisadas.

Outros coordenadores que me receberam nas escolas que visitei disseram que a Pedagogia Freinet só poderia ser realizada na educação infantil e que naquela escola era apenas oferecido o ensino fundamental. Percebemos nestas falas como os educadores tem uma visão equivocada da Pedagogia.

Alguns professores que consultei me relataram que tinham o hábito de fazer “cantinhos” em suas salas de aula, para proporcionar maior interação entre seus alunos e por isso se consideravam freinetianos. Conversando informalmente com eles percebi que os pilares da educação continuavam sendo os mesmo que sustentam a educação tradicional, ou seja, a competitividade, a passividade dos alunos, as turmas homogenias, etc. Não podemos confundir o uso de técnicas com o que a Pedagogia Freinet oferece ao professor, como proposta educacional revolucionária.

As professoras entrevistadas são um exemplo de que conhecem bem o que fazem, acreditam na proposta alternativa de Freinet e lutam a cada dia por uma educação melhor.

Por este motivo, alguns professores que desejam uma prática diferenciada se retraem e mesmo conhecendo esta Pedagogia e seus benefícios para os alunos não a praticam. O medo maior é da solidão, seguir seus ideais e caminhar de forma contrária ao que é estabelecido como padrão, pode gerar inúmeros desgastes. Isso acarreta um abandono nas práticas emancipatórias de ensino e tendemos a voltar ao tradicional, ao que é mais fácil e menos trabalhoso.

Os professores precisam defender suas escolhas, vencendo essas barreiras e se tornando tão emancipados quanto querem que seus alunos sejam.

Referências Bibliográficas:

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. *Freinet: Evolução histórica e atualidades*, São Paulo, Scipione, 1989.

FREINET, Elise. *O Nascimento de uma pedagogia popular: métodos Freinet*, Lisboa: Estampa, 1978.

FREINET, Elise. *O Itinerário de Celestin Freinet: a expressão livre na pedagogia Freinet*, Lisboa: Livre Horizonte, 1983.

FREINET, Celestin. *Pedagogia do Bom Senso*, São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FREINET, Celestin. *As técnicas da escola moderna*, Lisboa: Estampa, 1975

FREINET, Celestin. *Para uma escola do povo: guia prático para uma organização material, técnica e pedagogia da escola popular*, Lisboa: Presença, 1973.

FREINET, Celestin. *A Educação do Trabalho*, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu. *A pedagogia Freinet: natureza, educação e sociedade*, Campinas, 1990.